

METROPOLITANA

CCB

TEMPORADA
2020 | 2021

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

MAHLER: QUARTA SINFONIA CONCERTO INAUGURAL DA TEMPORADA 2020/2021

CÓ PRODUÇÃO
FUNDAÇÃO
CENTRO CULTURAL
DE BELÉM

METROPOLITANA

DOMINGO 20 SETEMBRO - 17H00
GRANDE AUDITÓRIO DO CENTRO CULTURAL DE BELÉM

Anne Schwanewilms Soprano | Maestro Pedro Amaral

Peter Eötvös * *Diálogo com Mozart*
Gustav Mahler Sinfonia N.º 4

* Artista Associado da Metropolitana
na Temporada 2020/2021

© João Porfírio

FUNDADORES



REPÚBLICA
PORTUGUESA



LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL

PATROCINADOR
PRINCIPAL



SANTA CASA
Misericórdia de Lisboa

PATROCINADORES



HOTEIS
HERITAGE



Vila Galé



PortoBay



AUDITÓRIOS

MAHLER: QUARTA SINFONIA CONCERTO INAUGURAL DA TEMPORADA 2020/2021

Péter Eötvös (*) (n. 1944)

Diálogo com Mozart, Da capo para orquestra (2016)
(duração aproximada: 13 min.)

Gustav Mahler (1860-1911)

Sinfonia N.º 4, em Sol Maior (1900)
(duração aproximada: 55 min.)


- I. *Bedächtig, nicht eilen (Prudente, sem apressar)*
- II. *In gemächlicher Bewegung, ohne Hast (Em andamento lento, sem pressa)*
- III. *Ruhevoll, poco adagio (Tranquilo, poco adagio)*
- IV. *Sehr behaglich (Muito cómodo)*

(*) Artista Associado da Temporada de Música da Metropolitana 2020/2021

Na conceção de uma imagem para 2020/2021 que correspondesse aos tempos de exceção que estamos a viver, decidimos colocar a música em diálogo com um discurso imagético que se tornou estranhamente familiar e que se deve à qualidade do nosso fotojornalismo. Ao

percorreremos o extraordinário acervo de imagens publicado na página «EverydayCovid» no Instagram, descobrimos um silêncio que diz muito, pelo modo certo como combina dramaticidade e informação.

IMAGEM DE CAPA
JOÃO PORFÍRIO
OBSERVADOR

 joaoporfirio

João Porfírio, com 25 anos, é editor de fotografia do jornal Observador, onde trabalha há mais de três anos. Começou o seu percurso como fotojornalista aos 17 anos, tendo já passado pela Agência Lusa, Jornal i e Semanário SOL. Já fez reportagem em países como Iraque, Turquia e Sérvia. Premiado por duas vezes pelo maior prémio de fotojornalismo da Península Ibérica.

Vários bailarinos foram obrigados a continuar a treinar mesmo com os teatros encerrados. Esses treinos tiveram de ser feitos em casa e sem público. Isadora Valero Meza aceitou ser fotografada enquanto treinava na sua varanda. Nasceu em Caracas, Venezuela, onde iniciou a sua formação e é, desde 2015, bailarina da Companhia Nacional de Bailado, onde foi bailarina principal em diversos espetáculos. De maillot vermelho vivo e na sua pequena varanda da sala fez o treino, para que toda a gente que passasse a pudesse ver. “Às vezes venho aqui enquanto estou a fazer alguns alongamentos e há já vizinhos que me vêm ver a treinar”.



DIÁLOGO COM MOZART

Em *Diálogo com Mozart*, Peter Eötvös surpreende-nos como uma releitura sofisticada dos cadernos de apontamentos do músico de Salzburgo. Não se trata de um trabalho de reconstituição, mas antes de uma recriação improvável em que coexistem harmoniosamente o passado e o presente. Partindo sempre de fragmentos melódicos que nos transportam até ao século XVIII, evolui e transforma-se em sucessivas vagas sonoras que remetem para novos tempos.

Ainda adolescente, Peter Eötvös formou-se como compositor na Academia de Música de Budapeste e nos circuitos mais comerciais do cinema e do teatro. A versatilidade que tal lhe exigia, juntamente com o facto de muita da música que compunha ser imediatamente tocada em público, marcou profundamente o seu percurso de compositor. Foi nessa época que começou a criar efeitos dramáticos contrastantes e a sobrepô-los em «montagens sonoras», prática que o acompanhou ao longo da carreira. Assim, a criação de ambientes e a variedade de recursos são características marcantes nas suas obras, nas quais há sempre uma componente teatral de apreensão imediata que permanece inscrita em segundo plano. De certo modo, pode afirmar-se que a identidade do seu pensamento musical deve mais ao cinema e ao teatro do que ao

classicismo sinfónico.

Este retrato poderá estranhar aqueles que, sobretudo, conhecem o percurso de Peter Eötvös enquanto maestro. Com efeito, o músico saiu da Hungria em 1966 para ir estudar em Colónia. Viveu depois um longo período em Paris, onde esteve à frente do Ensemble Intercomtemporain durante cerca de uma década, e depois na Holanda. Desde finais da década de 1970, tornou-se habitual a sua presença à frente das principais orquestras mundiais. Estreou várias obras de Karlheinz Stockhausen e aprendeu muito com a sua criatividade mental. Pierre Boulez ensinou-o a comunicar com os músicos e abriu-lhe portas para interpretar repertório de referência da segunda metade do século XX. Apesar disso, enquanto compositor, sempre se manteve independente das escolas artísticas do pós-guerra. Mostrava-se mais próximo do primado da emoção que sempre foi paradigma na escola húngara, com a influência da música tradicional, de Kurtág, Kodály e, sobretudo, Bartók, cuja música considera ser a sua língua musical materna.

Por tudo isto, o compositor Peter Eötvös explora em quase todas as suas obras recursos de escrita diferentes, atravessando fronteiras entre os mais variados universos expressivos – afinal, mais importante do que o estilo, é o efeito pretendido, a totalidade da experiência. Como tal, o seu catálogo distingue-se pela diversidade estilística, sendo *Diálogo com Mozart* disso bom exemplo. Esta curta peça orquestral resulta da adaptação para

orquestra de uma obra originalmente composta para cimbalão, marimba e agrupamento de câmara, intitulada *Da capo* (com fragmentos dos fragmentos de W. A. Mozart). Em 2013, a Fundação Mozarteum de Salzburgo mostrou a Peter Eötvös vários cadernos de apontamentos de Mozart com esboços musicais que nunca foram aproveitados... até ao dia em que Eötvös se interessou em «dialogar» com eles. Curiosamente, a peça foi estreada em Portugal, na Casa da Música (Porto) em maio de 2014. Passado um ano, a mesma Fundação encomendou a Eötvös uma versão orquestral da mesma obra para assinalar o seu 175.º aniversário. A «nova» estreia aconteceu já em dezembro de 2016 com o título *Diálogo com Mozart*, em Salzburgo.

Da capo significa «voltar ao início», e é precisamente esse o princípio condutor da partitura. Em cada recomeço, Peter Eötvös recupera fragmentos melódicos que encontrou nos apontamentos de Mozart e recria-os de maneira sempre diferente, com transmutações de escrita que se explanam em sucessivos contrastes de grande efeito dramático. Deparamo-nos, assim, com disparidades estilísticas muito grandes que se desenrolam sobre vagas sonoras que evoluem ciclicamente desde o conforto harmónico tão característico do repertório clássico até aos mais inusitados tópicos musicais oriundos de outros contextos. Assim se espelha o ecletismo e a imprevisibilidade que distingue o selo criativo de Peter Eötvös.



Gustav Mahler em 1898 | Fonte: Wikimedia Commons

A QUARTA DE MAHLER

A Quarta Sinfonia de Gustav Mahler anuncia o período de maturidade do compositor. Não se pode dissociá-la das sinfonias anteriores, mas distingue-se em múltiplos aspetos.

A Quarta Sinfonia foi composta nos verões de 1899 e 1900, quando se assistiu a uma grande mudança no estilo de composição de Gustav Mahler. A canção «celestial» que se ouve no quarto andamento culminou um período em que os poemas *Des Knaben Wunderhorn* (*A trompa mágica do rapaz*) ocuparam uma posição dominante no seu imaginário criativo. Não se pode, portanto, dissociá-la das sinfonias anteriores. Distingue-se, porém. Desde logo, porque é uma partitura que não revela as referências programáticas em que se baseia. Pelo contrário, inclina-se para uma postura afim à ideia do «puramente musical», o que se pode comprovar na maior sofisticação das texturas tímbricas, na alternância entre momentos protagonizados pelo maciço orquestral

com outros em que prevalecem sonoridades próximas da música de câmara. As combinações instrumentais são menos lineares do que acontecia nas sinfonias anteriores. Anuncia-se deste modo o período de maturidade do compositor.

Os três primeiros andamentos correspondem ao formato de uma sinfonia de matriz clássica: o primeiro desenvolve-se em Forma Sonata, o segundo consiste num *Scherzo* e o terceiro num *Adagio*. Cumprem-se assim com reverência os fundamentos da tradição musical austríaca, a que não será alheia a circunstância de Mahler ter assumido pouco tempo antes o lugar de Diretor Musical da Ópera de Viena e, com vista a atenuar o impacto das correntes antissemitas que floresciam, renunciar ao judaísmo, convertendo-se à religião católica. Ainda assim, surgem desde o primeiro compasso indícios que contrariam a expectativa de ser uma sinfonia clássica. É certo que a dimensão do efetivo orquestral é mais reduzida e que a coerência temática entre os diferentes andamentos é irrepreensível. Mas a

vincada propensão intimista e um tratamento invulgar dos temas melódicos conduzem-nos por caminhos diferentes.

Em verdade, Mahler inverteu o princípio genérico segundo o qual no formato «sinfonia» se apresentam primeiro os temas melódicos fundadores, para depois os transformar e desenvolver rumo a um final conclusivo, por vezes apoteótico. Em vez disso, tomou como ponto de partida uma canção que havia composto em 1892. *Das himmlische Leben* (*A vida celestial*) só se revela integralmente no último andamento e toda a música que a precede baseia-se em fragmentos dela retirados. Esta e outras soluções compositivas parecem evitar a grandiosidade das anteriores sinfonias, o que em boa medida justifica a relutância do público e da crítica da época na sua aceitação. Desde novembro de 1901, quando estreou na cidade de Munique, a Quarta Sinfonia enfrentou os caprichos da História, conquistando nas últimas décadas lugar de destaque nas programações das salas de concerto em todo o mundo.

TUDO POR UMA CANÇÃO

A canção *Das himmlische Leben* (A vida celestial) preenche o último andamento da 4.^a Sinfonia de Mahler. É ponto de partida e ponto de chegada, a «razão de ser» da obra.

Em 1892, Mahler escreveu uma série de canções sobre poemas anônimos alemães que teriam sido reunidos e publicados no início do século XIX, numa coleção com o título *Des Knaben Wunderhorn* (A trompa mágica do rapaz). Várias dessas canções foram mais tarde publicadas em versão para soprano (ou

barítono) e orquestra, mas uma delas teve um destino muito especial. A ideia de integrar *Das himmlische Leben* numa sinfonia surgiu quando o compositor escrevia a Sinfonia N.º 3, terminada em 1896. Mas acabaria por integrar o último andamento da Sinfonia N.º 4, já em 1900. Mais do que um simples andamento, tornou-se referência fundamental da construção de toda a obra.

Ela é ponto de partida e ponto de chegada, a «razão de ser» da sinfonia. Como se de um *puzzle* se tratasse, vão-nos sendo revelados fragmentos da canção ao longo dos três primeiros andamentos. Desde logo com as guiseiras, que se ouvem

no início, as quais surgem durante a canção nos interlúdios entre os versos. Ao longo da partitura, vão sendo combinados diferentes pedaços da canção. Esta vai-se revelando à medida do tempo, surgindo cada vez mais explícita até que, no final, se ouve por inteiro. Nesta sinfonia, tudo acontece em função de uma canção. São cinco versos em que vozes de crianças nos falam do reino dos céus, sobre a forma como aí vivem, com alegria, evitando quaisquer influências mundanas. Sob o olhar atento de São Pedro, saboreiam os prazeres da comida, os cheiros das plantas, cantam, dançam, saltam, pulam... e ouvem música celeste.



Fonte: freemages.com

UMA SINFONIA DE COR AZUL

A propósito da Sinfonia N.º 4, Mahler escreveu: «Pense no azul indiferenciado do céu, o qual é mais difícil de apreender do que qualquer variação ou contraste entre tons diferentes. Essa é a cor fundamental desta obra.»

Natalie Bauer-Lechner e Gustav Mahler foram colegas, enquanto estudantes no Conservatório de Viena, na década de 1870. Após o divórcio de Natalie, em 1890, e até se consumar a relação do compositor com Alma Schindler no final de 1901, a amizade entre os dois deu azo a uma intensa troca de correspondência. Porque coincidiu com o período em que a Sinfonia N.º 4 foi composta, acham-se nessas cartas algumas ideias que nos são

hoje preciosas para entendermos os pretextos criativos que estiveram na sua origem. Numa delas, Mahler dizia que a sua sinfonia tem cor azul. Com efeito, no último andamento ouve-se uma canção intitulada *A vida celestial*, na qual crianças evocam com inocência os encantos da vida angelical que lhes é oferecida no céu. Os primeiros três andamentos da sinfonia desenvolvem-se em função desses últimos dez minutos de música, abrindo-lhes caminho diligentemente.

A Quarta Sinfonia demonstra um maior apuramento das texturas tímbricas do que as sinfonias anteriores. Assume uma postura mais intimista e requintes orquestrais de maior subtilidade. É aquela que exige menos recursos orquestrais, aproximando-se frequentemente de sonoridades próprias da música de câmara,

com partes instrumentais tocando a solo.

Mahler escreveu assim:

«Pense no azul indiferenciado do céu, o qual é mais difícil de apreender do que qualquer variação ou contraste entre tons diferentes. Essa é a cor fundamental desta obra, que só por uma vez se torna nebulosa e provoca inquietação. Mas não é o céu, em si mesmo, que escurece, pois nele brilha eternamente a cor azul. Acontece que, de repente, nos parece sinistro, tal como se num dia com tempo maravilhoso, numa floresta inundada pela luz do sol, fossemos sucessivamente tomados por tremores de pânico, pelo pavor.»

Arnold Böcklin (1827–1901), «Auto-retrato com a Morte tocando violino» (1872) | Fonte: Wikimedia Commons



UM SCHERZO DIABÓLICO

O poema *A vida celestial*, sobre o qual Mahler escreveu a canção que preenche a totalidade do último andamento da Sinfonia N.º 4, percorre a visão infantil de uma vida angelical. Mas não se trata de uma apropriação inocente. A composição aborda com desassombro o assunto da morte. O relato de uma criança acerca das imensas maravilhas que a rodeiam – é um quadro que se reveste de uma encantadora inocência. Porém, quando tais palavras são proferidas no céu, sob o olhar atento de São Pedro, a candura dá lugar a diferentes matizes.

Canta-se e dança-se. É certo que são sacrificados cordeirinhos para se comer a

carne, e que se bebe vinho. Mas abundam a fruta e os legumes, e os pratos de peixe são bem cozinhados. Até na música se nota a diferença – «Não existe música na Terra que se compare à nossa».

Eis aqui a substância poética que levou o compositor austríaco a recuperar em 1889 a canção que havia composto anos antes sobre estes cinco versos retirados de uma coletânea de poesia popular publicada no início do século XIX e intitulada *A trompa mágica do rapaz*, tomando-a como motivo essencial dos quatro andamentos da sua sinfonia. As crianças de que trata não se encontram entre os vivos. Com placidez, manifesta ironia e algum arrebatamento, esta obra oferece-nos música de outro mundo, mas enfrenta com desassombro a ideia da morte. Naquela época a mortalidade infantil era

uma realidade bastante presente. O próprio Mahler perdeu vários irmãos ainda em tenra idade, e a sua primeira filha viria a morrer em 1907, com apenas seis anos de idade. Este assunto era, portanto, entendido de maneira bastante diferente da que conhecemos hoje.

Mahler só conheceu Alma Schindler, sua futura esposa, em novembro de 1901, por altura da estreia da sinfonia. Ela não acompanhou, portanto, o processo criativo. Porém, revelou mais tarde que o 2.º andamento reporta ao tema da morte, chegando a sugerir explicitamente ter sido inspirado numa pintura de Arnold Böcklin.

POEMA DO 4.º ANDAMENTO DA SINFONIA N.º 4 DE GUSTAV MAHLER

Retirado da coletânea de poesia popular alemã do início do século XIX intitulada *A Trompa Mágica do Rapaz*, de Clemens Brentano e Achim von Arnim.

DAS HIMMLISCHE LEBEN

Wir genießen die himmlischen Freuden,
Drum run wir das irdische meiden,
Kein weltlich' Getümmel
Hört man nicht im Himmel!
Lebt alles in sanfterster Ruh!
Wir führen ein englisches Leben!
Sind dennoch ganz lustig daneben!
Wir führen ein englisches Leben,
wir tanzen und springen,
wir hüpfen und singen!
Sankt Peter im Himmel sieht zu!

Johannes das Lämmlein auslasset,
Der Metzger Herodes drauf passet!
Wir führen ein geduldig's,
Unschuldig's, geduldig's
Ein liebliches Lämmlein zu Tod!
Sankt Lukas den Ochsen tät schlachten
Ohn' einig's Bedenken und Achten,
Der Wein kost' kein Heller
Im himmlischen Keller,
Die Englein, die backend as Brot.

Gut' Kräuter von allerhand Arten,
Die wachsen im himmlischen Garten!
Gut' Spargel, Fisolen
Und was wir nur wollen!
Ganze Schüsseln voll sing und bereit!
Gut Apfel, gut Birn' und gut' Trauben!

Die Gärtner, die alles erlauben!
Willst Rehbock, willst Hasen,
Auf offener Straßen
Sie laufen herbei!
Sollt ein Fasttag etwa kommen
Alle Fische gleich mit Freuden angeschwommen!
Dort läuft schon Sankt Peter
Mit Netz und mit Köder
Zum himmlischen Weiher hinein,
Sankt Martha die Köchin muß sein!

Kein Music ist ja nicht auf Erden,
Die uns'rer verglichen kann werden.
Elftausend Jungfrauen
Zu tanzen sich trauen!
Sankt Ursula selbst dazu lacht!
Lein Musik ist ja nicht auf Erden,
Die uns'rer verglichen kann werden.
Cécilia mit ihren Verwandten
Sind treffliche Hofmusikanten!
Die englischen Stimmen
Ermuntem die Sinnen,
Daß alles für Freuden erwacht.

A VIDA CELESTIAL

Saboreamos os prazeres celestes,
por isso evitamos todas as coisas terrenas.
No céu não se escuta
nenhum rumor do mundo!
Todos vivem em serena paz!
Levamos uma vida angelical,
mas somos também muito alegres!
Levamos uma vida angelical,
dançamos e cantamos,
saltamos e pulamos!
E no céu, São Pedro observa-nos!

São João solta o pequeno cordeiro,
Herodes, o carnicheiro, aguarda por ele!
Levamos o manso,
inocente e manso
e doce cordeirinho, para a morte!
São Lucas abate o boi
sem muito pensar ou sentir,
o vinho não custa um tostão
nas caves celestes,
e os anjos cozem o pão.

Ervas aromáticas de diversos tipos,
crescem no jardim celeste!
Bons espargos, feijões,
e tudo o que quisermos!
São-nos servidos pratos fartos!
Boas maçãs, boas peras, e boas uvas!

Os jardineiros deixam-nos provar tudo!
Se quereis corças ou lebres,
eles surgem correndo
pelas ruas espaçosas!
E se é dia de jejum,
todos os peixes nadam alegremente até à tona!
E eis São Pedro que chega
com a sua rede e engodo
ao viveiro celeste.
Santa Marta deve ser a cozinheira!

Não existe música na Terra,
que se compare à nossa.
Onze mil virgens
lançam-se numa dança!
Santa Úrsula observa e ri!
Não existe música na Terra,
que se compare à nossa.
Cecília e os seus pares
são magníficos músicos de câmara!
As vozes dos anjos
estimulam os sentidos,
e tudo desperta para a alegria.



© Javier del Real

ANNE SCHWANEWILMS SOPRANO

A soprano alemã Anne Schwanewilms tem-se apresentado com grande sucesso nos principais teatros de ópera e salas de concerto de todo mundo. O seu repertório inclui os papéis das grandes heroínas do repertório lírico e estende-se, para lá daqueles celebrizados nas óperas de Richard Strauss, a outros como Elsa em *Lobengrin*, Elisabeth em *Tannhäuser*, Madame Lidoine em *Dialogues des Carmélites*, Marie em *Wozzeck*, Desdemona em *Otello* e, mais recentemente, Eva em *Die Meistersinger von Nürnberg* no Festival de Bayreuth e Leonore em *Fidelio*, na Ópera Estatal de Viena.

Em concerto, canta repertório de compositores como Berg, Mahler, Strauss, Beethoven, Mendelssohn, Schoenberg, Verdi e Wagner. É considerada uma das melhores intérpretes de *lieder* na atualidade, apresentado-se regularmente em recitais com Malcolm Martineau, Charles Spencer e Roger Vignoles, na Europa e em vários outros lugares do mundo.

Entre os compromissos já assumidos para a presente temporada, contam-se os papéis de Marschallin em *Der Rosenkavalier* e de Grand Duchess em *La Grande-Duchesse de Gérolstein* para a Ópera Semper de Dresden, concertos com a Orquestra Sinfónica da Rádio de Berlim e recitais com Malcolm Martineau em

Barcelona e em Londres.

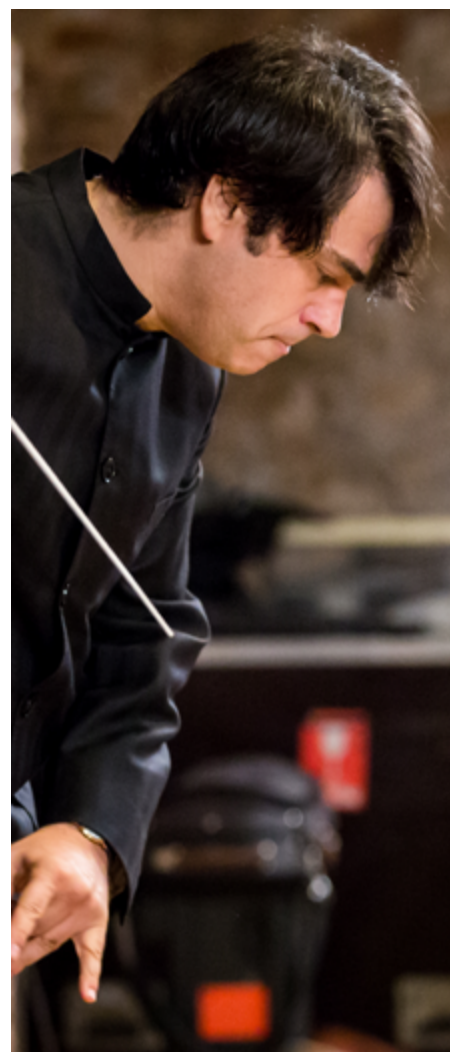
A sua extensa discografia inclui gravações em DVD das óperas *Die Frau Ohne Schatten* (Festival de Salzburgo, 2011), *Der Rosenkavalier* (Orquestra Estatal de Dresden, 2007), e *Dialogues des Carmélites* (Ópera Estatal de Hamburgo, 2008), de um álbum das *Quatro Últimas Canções* de Strauss, de trechos de ópera com Markus Stenz e a Orquestra Gürzenich de Colónia e vários CD de *lieder*, incluindo os álbuns recentes *Das himmlische Leben*, com música de Liszt e Mahler, *Mondnacht*, baseado em música de Schumann e Wolf, um disco com trechos de *Tristão e Isolda*, *Tannhäuser* e *Wesendonck Lieder* de Wagner, e o seu disco mais recente, com obras de Mahler e Schoenberg. Participou no álbum da Sinfónica de Houston *Wozzeck* (Naxos), o qual foi distinguido com o Prémio ECHO Klassik 2017 «Gravação de Ópera (Séculos 20 e 21)».

Em 2002, Anne Schwanewilms foi nomeada Cantora do Ano pela revista de ópera *Opernwelt*.

PEDRO AMARAL MAESTRO

Pedro Amaral (Lisboa, 1972) iniciou os seus estudos em composição com Fernando Lopes Graça, em 1986. Graduou-se na Escola Superior de Música de Lisboa (1994) e no Conservatório Nacional Superior de Música de Paris (1998). Ainda em Paris, concluiu um

Mestrado e um Doutoramento em Musicologia Contemporânea na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (2003). Estudou direção de orquestra com Peter Eötvös e Emílio Pomarico. Em 2004 obteve o Prix de Rome. Professor da Universidade de Évora desde 2007 e Membro da Academia de Belas Artes desde 2017, Pedro Amaral é autor de diversas obras, entre as quais as óperas «O Sonho» (2010) e «Beaumarchais» (2017). Em cada temporada dirige numerosos concertos, em Portugal e no estrangeiro, com um repertório amplo do Classicismo à contemporaneidade. Destacou-se pelas suas interpretações das óperas de Mozart e das grandes sinfonias do romantismo germânico, de Beethoven a Bruckner e Brahms, bem como na sua prática do repertório contemporâneo, em particular das obras de Berio, Boulez e Stockhausen de quem foi assistente. Foi Maestro Titular da Orquestra do Conservatório Nacional (2007/08) e do Sond'Arte Electric Ensemble (2007/10), sendo atualmente Diretor Artístico e Maestro Titular da Orquestra Metropolitana de Lisboa.



ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

Fundada em 1992, a Orquestra Metropolitana de Lisboa é um agrupamento de referência no panorama musical português e, em particular, no contexto cultural da cidade de Lisboa e da sua área envolvente.

Composta por 37 músicos permanentes, numa configuração instrumental «clássica», a sua formação de base é regularmente modulada e alargada, permitindo à Orquestra Metropolitana de Lisboa uma abordagem sistemática de praticamente todo o repertório orquestral, de finais do século XVII à contemporaneidade.

Desde o outono de 2013, as Temporadas de Música da Metropolitana organizam-se numa tripla ancoragem em três salas principais, três zonas da cidade de Lisboa e três eixos de programação. No Museu Nacional de Arte Antiga, às Janelas Verdes, tem lugar a Temporada Barroca da Metropolitana, assente numa abordagem historicamente informada do repertório barroco. No Teatro Thalia, às Laranjeiras, tem lugar a Temporada Clássica, centrada na formação instrumental de base da Orquestra. No Centro Cultural de Belém tem lugar a Temporada Sinfónica, na qual a Orquestra se apresenta em formação alargada, abordando páginas de mais ampla configuração orquestral.

Nestas últimas, em particular, juntam-se à Orquestra Metropolitana de Lisboa alunos dos estágios mais avançados da Academia Nacional Superior de Orquestra, sublinhando a dimensão pedagógica que,

lado a lado com a missão artística, marca o ambicioso projeto da AMEC / Metropolitana – *Uma Orquestra e Três Escolas*. Num círculo virtuoso entre pedagogia e arte, muitos músicos da Orquestra são simultaneamente professores da Academia, estimulando um progressivo envolvimento dos alunos na programação e uma passagem gradual entre a formação e o desempenho profissional. Dos atuais membros permanentes da Orquestra Metropolitana de Lisboa, todos eles selecionados através de concursos internacionais, um terço é constituído por músicos formados nas escolas da AMEC / Metropolitana, o que confere à Orquestra uma consistência técnica de particular coerência.

À programação orquestral acresce a dos Solistas da Metropolitana, para a qual a orquestra se desdobra numa miríade de agrupamentos de câmara, de configurações múltiplas e em geometrias variáveis, atuando em dezenas de palcos, levando a melhor música de câmara não apenas a inúmeros espaços de Lisboa e municípios associados, mas também aos quatro cantos do país, cumprindo uma missão ímpar de descentralização da cultura musical.

Ao longo da sua história, a Orquestra Metropolitana de Lisboa realizou diversas digressões internacionais, da Europa ao Extremo Oriente, destacando-se desde 2018 atuações regulares em Espanha no quadro da parceria entre a AMEC / Metropolitana e o Coro e Orquestra da Rádio e Televisão Espanhola (RTVE).

De entre as inúmeras gravações realizadas pela Orquestra Metropolitana

de Lisboa destacam-se, nos últimos anos, edições monográficas – como a dedicada à música de câmara de Fernando Lopes Graça (edição conjunta da AMEC / Metropolitana e da Sociedade Portuguesa de Autores) – e edições que colocam lado a lado obras orquestrais portuguesas e páginas de referência do repertório sinfónico internacional – Beethoven, Brahms, Dvořák, Bartók e Prokofiev, entre outros.

De entre os artistas que colaboram com a Orquestra Metropolitana de Lisboa destacam-se maestros como Pablo Heras-Casado, Kristjan Järvi, Eivind Gullberg Jensen, Michael Zilm, Emilio Pomàrico, Christopher Hogwood, Theodor Guschlbauer, Enrico Onofri, Nicholas Kraemer, Leonardo García Alarcón, Alfredo Bernardini, Hans-Christoph Rademann, Beat Furrer, Magnus Lindberg, Joana Carneiro, Pedro Amaral, Pedro Neves, e solistas como Monserrat Caballé, Kiri Te Kanawa, José Carreras, Felicity Lott, Elisabete Matos, Leon Fleisher, Maria João Pires, Artur Pizarro, Sequeira Costa, António Rosado, Jorge Moyano, Filipe Pinto-Ribeiro, Marcos Magalhães, Aapo Häkkinen, Natalia Gutman, Adrian Brendel, Sayaka Shoji, Gerardo Ribeiro, Corey Cerovsek, Anabela Chaves, António Menezes, Sol Gabetta, Michel Portal, Marlis Petersen, Dietrich Henschel e Mark Padmore, entre muitos outros.

Nomeado em 2013, Pedro Amaral desempenha a dupla função de Diretor Artístico e Maestro Titular da Orquestra Metropolitana de Lisboa.



METROPOLITANA

FLAUTAS
NUNO INÁCIO
JANETE SANTOS
CAROLINA ROSA ²
MARIANA COELHO ²

OBOÉS
SALLY DEAN
FILIPE FREITAS ¹
JOÃO BALEGAS ²

CLARINETES
NUNO SILVA
JORGE CAMACHO
JOANA NEVES ²

FAGOTES
LURDES CARNEIRO
RAFAELA OLIVEIRA
SARA MAIA ²

TROMPAS
DANIEL CANAS
JÉRÔME ARNOUF
HELENA GABRIELA ²
FILIPE LOPES ²

TROMPETES
SÉRGIO CHARRINHO
DAVIDE LOPES ¹
TIAGO SOARES ²

TROMBONE
REINALDO GUERREIRO ¹

HARPA
CATARINA REBELO

TÍMPANOS
FERNANDO LLOPIS

PERCUSSÃO
MARCO FERNANDES ¹
MARCELO RICARDO ²
RODRIGO AZEVEDO ²
ANA BEATRIZ SOUSA ²

1.º S VIOLINOS
ANA PEREIRA *Concertino*
JOSÉ PEREIRA
DIANA TZONKOVA
LÚCIA SALVADO ²
LEONARDO GUEDES ²
JOANA DIAS
ALEXÉI TOLPYGO
SÓNIA FIGUEIREDO ²
INÉS MARQUES ²
CARLOS DAMAS
BEATRIZ FERREIRA ²
CRISTIANA HERCULANO ²

2.º S VIOLINOS
JOSÉ TEIXEIRA
JUAN MAGGIORANI ¹
NONNA MANICHEVA
XAVIER PEREIRA ²
ANDRÉ LEAL ²
DANIELA RADU
CÉSAR NOGUEIRA ¹
ANA FILIPA SERRÃO ¹
BEATRIZ TOMÁS ²

VIOLAS
JOANA CIPRIANO
SÉRGIO SOUSA ¹
VALENTIN PETROV
EDNEY FÉLIX ²
JOANA TAVARES ¹
ANDREI RATNIKOV

VIOLONCELOS
NUNO ABREU
JIAN HONG
ANA CLÁUDIA SERRÃO
ANDRÉ LIBÓRIO CASAL ²
BEATRIZ LOUSAN ²
JOÃO MATOS ¹
TIAGO MIRRA ²
LÍVIA MENDES ²

CONTRABAIXOS
ERCOLE DE CONCA
VLADIMIR KOUZNETSOV
JOÃO LOBO ²
MARGARIDA FERREIRA ²

1 - Convidado
2 - Orquestra Académica Metropolitana



METROPOLITANA

CCB

TEMPORADA
2020 | 2021

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

SINFONIA DO DESTINO

SÁBADO 31 OUTUBRO - 21H00
GRANDE AUDITÓRIO
DO CENTRO CULTURAL DE BELÉM

Ana Pereira Violino
Pedro Neves Maestro

Felix Mendelssohn
Concerto para Violino e Orquestra, em Mi Menor, Op. 64

Ludwig van Beethoven
Sinfonia N.º 5, em Dó Menor, Op. 67

FUNDADORES



PATROCINADOR
PRINCIPAL



PATROCINADORES



M/6
BILHETES À VENDA
Preço: 5€ a 23€

Na Ticketline e bilheteira do CCB
todos os dias 11h00 > 20h00

AVISO
Uso obrigatório de máscara,
durante o concerto

METROPOLITANA

DIRETOR EXECUTIVO Miguel Honrado

DIRETOR ARTÍSTICO Pedro Amaral

FUNDADORES



Presidência do Conselho de Ministros - Ministro da Cultura
Ministério da Educação
Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social
Secretaria de Estado do Turismo / Turismo de Portugal, IP
Secretário de Estado da Juventude e do Desporto



PROMOTORES

Câmara Municipal de Caldas da Rainha
Câmara Municipal de Lourinhã
Câmara Municipal de Montijo
Câmara Municipal de Setúbal

PARCEIROS EM 2020

Câmara Municipal de Almada
Câmara Municipal do Barreiro
Câmara Municipal de Loures
Câmara Municipal do Seixal



PARCEIRO DO PROGRAMA "MÚSICA E CIÊNCIA"



PATROCINADOR PRINCIPAL

SANTA CASA
Misericórdia de Lisboa

PATROCINADORES



PARCERIAS

Antena 2
São Luiz Teatro Municipal
Universidade Nova de Lisboa
Biblioteca Nacional de Portugal
Cultivarte - Encontro Internacional de Clarinete de Lisboa
CMS Rui Pena & Arnaut
Instituto Superior de Economia e Gestão
Casa Fernando Pessoa
Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva
Secretaria-Geral da Educação
Fundação Oriente
Academia das Ciências

www.metropolitana.pt

facebook.com/metropolitanax | Travessa da Galé 36, Junqueira - 1349-028 Lisboa | Tel.: +351 213 617 320

Este concerto pode ser filmado e/ou fotografado pela produção. Caso não autorize o registo da sua imagem contacte o Relações Públicas da Metropolitana no local.

CCB

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente
Elísio Summavielle

Vogal
Delfim Sardo

Vogal
Isabel Cordeiro

DIREÇÃO DE ARTES PERFORMATIVAS

Diretora
Paula Fonseca
Programação
André Cunha Leal
Fernando Luís Sampaio

DIRETORA DE MARKETING E DESENVOLVIMENTO

Madalena Reis

DIRETOR DE EDIFÍCIOS E INSTALAÇÕES TÉCNICAS

António Ribeiro

DIRETOR FINANCEIRO E ADMINISTRATIVO

Francisco Sacadura

DIRETOR DE RECURSOS HUMANOS

Jorge Carvalho

Apoio Institucional



Parceria Institucional



Parceria Media
para a Temporada 2020/2021



PRÓXIMOS CONCERTOS

INTEGRAL DOS CONCERTOS PARA PIANO DE BEETHOVEN

QUARTA 30 SETEMBRO - 21H00 / QUINTA 1 OUTUBRO - 21H00 [Dia Mundial da Música] / DOMINGO 4 OUTUBRO - 17H00
FÓRUM MUNICIPAL LUÍSA TODI, SETÚBAL

QUARTA 7 OUTUBRO - 21H00 / SEXTA 9 OUTUBRO - 21H00 / DOMINGO 11 OUTUBRO - 17H30
SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

ANTÓNIO ROSADO * PIANO

PEDRO AMARAL MAESTRO

(* Artista Associado da Temporada de Música da Metropolitana 2020/2021)

BILHETES À VENDA

São Luiz Teatro Municipal: Todos os dias das 13h às 20h / Fórum Luísa Todi: Reservas / Info: 265 522 127